

OPINIÃO

O cenário não está tão feio



JAIME PINSKY
Historiador e professor titular da Unicamp

O primeiro turno das eleições que acabaram de se realizar propiciaram um coro de lamúrias e reclamações que poderiam ser classificadas em quatro categorias: 1) a dos que não gostam de democracia, por interesse ou ignorância e estão ansiosos para que ela volte a ser suprimida; 2) a dos insatisfeitos com os resultados; 3) a dos pessimistas mórbidos e 4) a dos que são incapazes de entender fatos, números e cenários. Discordo. Foi uma eleição muito boa. Antes de mais nada, o clima esteve excelente. As pessoas estão votando com liberdade cada vez maior. Salvo casos episódicos, os conflitos foram poucos e controlados com eficácia, o nível de obediência às determinações da Justiça Eleitoral foi surpreendente (considerando as muitas mudanças estabelecidas na propaganda), o ambiente de votação foi calmo e a apuração em todo o país tão rápida e eficiente que muita gente reclamou da “demora” ocorrida em São Paulo (não mais de três ou quatro horas para um contingente de quase 30 milhões de votos). É só nos lembrarmos de como ocorreram as apurações nos Estados Unidos, por exemplo, para termos de confessar nossa admiração pelo trabalho da Justiça Eleitoral. A liberdade dos eleitores se manifestou até — e surpreendentemente — com relação

a vontades manifestadas por eles próprios alguns dias antes. A não ser que creditemos os erros dos institutos de pesquisa à má-fé ou à incompetência (e não há nenhuma razão para que se pense isso), ocorreram alterações de última hora em vários lugares do país, decorrentes, sem dúvida, de mudanças de opinião, em função de novas informações, de mais reflexão ou de diálogo com amigos. Não vejo como condenar o eleitor: mudar é um direito dele. Pesquisa de opinião não é compromisso de voto.

Leio e ouço críticas a congressistas eleitos. Em São Paulo, por exemplo, ridicularizam-se muito os eleitores dos deputados federais mais votados, encabeçados por Paulo Maluf, tido e havido como exemplo de corrupção. Ora, setecentos e tantos mil votos em São Paulo não é uma votação espetacular, notadamente para um político que milita há décadas e ganhou, junto com a imagem de corrupto (e não estou aqui fazendo juízo de valor a respeito dele) a de tocador de obras. Não há nada de extraordinário que 3% (sim, leitor, míseros 3%) dos eleitores paulistas achem que, a despeito de uma imagem suspeita, Maluf seja um político que ainda tem o que dizer.

Não se trata, é claro, de defender o malufismo — que, pessoalmente, sempre combati —, mas mostrar que é razoável que uma pequena parcela da população pense e, eventualmente, aja como Maluf, daí escolhê-lo para representá-la. O mesmo raciocínio vale para alguém que se apresenta como representante dos gays, ou mesmo do autoritarismo, sutil ou truculento. O povo tem o direito de escolher representantes que possam representá-los, para o bem e para o mal, não é verdade?

De resto, as boas notícias não são poucas. Dos políticos envolvidos em diferentes máfias, um número maior foi derrotado do que reconduzido. Agora é acompanhá-los com lupa. Oligarcas, que transformavam seus estados (e até outros, falsos domicílios eleitorais) em extensão do seu quintal, vão sendo cada vez mais contestados, ameaçados e até derrotados. Mulheres têm tido desempenhos brilhantes. (Quem diria que, no Rio Grande do Sul, considerado um estado machista, duas jovens deputadas se encontrem entre as mais votadas e uma candidata ao governo do estado tenha sido a surpresa, derrotando três ex-governadores?) E, convenhamos, muita gente boa foi eleita, tanto para funções legislativas quanto para executivas.

A democracia está funcionando, portanto. Claro, porém, que no segundo turno, cabe aos candidatos, particularmente àqueles que disputam a Presidência, ir um pouco além e fazer com que o alento se mantenha. Nós, o povo, gostaríamos de saber pelo menos três coisas dos dois candidatos, antes de votarmos: 1) vocês estão dispostos a transformar a escola pública (que foi de qualidade, quando não era universal, e perdeu a qualidade, quando se tornou universal) num espaço de democratização de oportunidades e não de reprodução de desigualdades? Se a resposta for positiva, gostaríamos de saber como farão isso. 2) quais as estratégias que utilizarão para reverter a situação que fez com que nosso país, embora crescendo lentamente, ficasse cada vez mais para trás, uma vez que quase todos os demais nações do planeta estão avançando mais rapidamente? 3) quais os mecanismos que pretendem usar para manter a lisura dentro da máquina governamental?

Casa nossa de cada dia



BARBARA FREITAG
Professora pesquisadora da UnB

Chamou-se Casa nossa de cada dia um ciclo de conferências organizado pelos departamentos de Arquitetura e História da UFPE, em Recife. Programado para o final de setembro, os organizadores se propuseram a discutir as muitas faces e significados dos espaços edificados e habitados. Segundo o site da Universidade, http://www.ufpe.br/casanossa/enc_capres.html, não se tratava de um seminário técnico em que arquitetos e historiadores refletiriam sobre as diferentes formas do morar em épocas e regiões distintas. Pretendia-se ir além do óbvio (risco, estrutura, emprego de materiais, funções da casa), buscando-se respostas para uma questão mais profunda e central: que papel desempenha na vida humana o espaço singular da casa?

O texto do site já antecipava algumas respostas: “A casa é nosso canto no mundo” (Bachelard). “É um sucedâneo do útero” (Freud). A casa é “espaço-encenação” como o caracterizou Lúcia Leitão, a idealizadora do encontro. A casa é o palco da trama literária de boa parte dos romances contemporâneos, na visão de outro organizador, o arquiteto Luiz Amorim.

Um lance de olhar sobre o programa anunciava arquitetos, urbanistas, psicanalistas, teóricos literários, historiadores, cientis-

tas sociais se debruçando sobre o tema, a partir de sua óptica profissional. Na conferência de abertura, tentei chamar a atenção para a inserção da casa no espaço da rua, da cidade, da sociedade, focalizando a dimensão utópica de Thomas Morus, Charles Fourier, J.-B. Godin e outros, incluindo algumas utopias realizadas (cf. projetos de Le Corbusier, Niemeyer e Lúcio Costa).

O historiador A.P. Rezende, a exemplo de Ítalo Calvino, inventou várias casas: a do afeto, da forma, do tempo, do amor perdido, da despedida. Gostei mais da casa do Arcaño, que associei ao filme de Wim Wenders, *Asas do desejo*, com seus dois anjos no céu de Berlim, lançando-se sobre as ruas e o muro da cidade dividida ao meio.

Luiz Amorim falou sobre casas, espaços e narrativas, tema exemplificado com o conto de Saramago sobre o violoncelista e a morte. Projetou em tela os dois circulando na casa, reconstruída virtualmente. Sua colega, Aparecida Nogueira, tematizou a “Casa da tia Angélica”, como metáfora da sede familiar que assegura “devaneios e pertencimentos”. José Anchieta Correa recorreu a Merleau Ponty para discursar sobre a dinâmica do espaço e do tempo vividos. Lúcia Leitão, em seu apelo “entra na tua casa”, deu continuidade aos temas tratados em suas teses de mestrado e doutorado em arquitetura, nas quais explora a riqueza do olhar psicanalítico sobre a percepção subjetiva da casa como útero, agasalho, aconchego.

O psicanalista João Alberto Carvalho tentou dar respostas à pergunta: “O que pode o psicanalista falar para arquitetos?”, destacando conceitos da psicanálise como identificação, corpo, espaço, pulsão, o outro, o ideal do eu. Mostrou como cada um pode ampliar

o olhar do arquiteto e dos construtores de ruas e cidades. Leandro Bittencourt fez especulações sobre o desejo subjacente aos projetos arquitetônicos de cada cliente que freqüenta seu ateliê de arquiteto.

Wander Miranda, teórico literário, analisou o romance de Cornélio Penna *A menina morta*. Nele, a casa grande (da fazenda cafeeira em declínio) pode ser vista como metonímia do final do ciclo do café, acompanhado da incapacidade dos sustentadores da cultura cafeeira em renovar a sociedade decadente em que viviam. Comparou o isolamento dos personagens em seus quartos, com o isolamento dos diferentes grupos sociais que compunham a sociedade cafeeira do final do século 19. A palestra de encerramento coube a Sergio Paulo Rouanet, que se referiu às três cidades que moldaram a sua personalidade: Recife, Rio e Paris.

Com o recurso a conceitos psicanalíticos como projeção e ambivalência, ainda não apropriados pelos arquitetos, seria possível propor soluções para alguns dos impasses apontados nos debates dos dois dias de seminário. Assim, por exemplo, a “entrada” na casa (L. Leitão), interpretada como puro acolhimento — volta ao útero —, significava também prisão, reclusão. Por isso, sair da casa, da rua, da cidade de origem pode significar liberdade na metrópole, como sublinhara Simmel. Da mesma forma, a “morte da menina” na fazenda cafeeira não pode ser o desfecho buscado pela família aristocrata, que obriga sua irmã a assumir o papel da morta. A casa só deixaria de ser sinistra com a superação da sociedade escravocrata, abrindo-se portas e janelas para o arejamento democrático da estrutura social brasileira.



ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

ari.cunha@correioweb.com.br
Circe Cunha (interina) // circe.cunha@correioweb.com.br

Ética o que, homem!

A ordem para o segundo turno é agir com ética. Todos querem ser éticos e fazem apologia desse estado de espírito. De repente, ser ético passou a ser fashion na vida pública do país. Ética não é destaque de caráter. É obrigação para o político e para todas as atividades humanas. Vangloriar-se é indício de mau caráter. A ética deve fluir normal nas atividades diárias. Nunca como destaque. Depois de todo o emaranhado de negócios escusos do governo Lula, não se fala noutra coisa senão em “comportamento ético”. No meio disso, Lula beija a mão de Jader Barbalho e se abraça com Ney Suassuna. Ao mesmo tempo, sorri esperançoso para Fernando Collor, a quem chamou de “amoral” certa vez. A busca pela vitória colocou a ética no ápice das intenções. Não importa quantos amados companheiros o PT alijou das fileiras para inocular ao presidente Lula. Alckmin, por sua vez, confraterniza com Rosinha e Garotinho sem consultar o partido sobre a impropriedade do gesto. Bom mesmo seria que cada candidato detalhasse o programa de governo. Dissesse a que veio e o que fará. O povo quer tranquilidade, que não conhece há tempos. Trabalho para os jovens, respeito às mulheres e contabilidade pública pelo menos com pouca mácula. Como está, é demais. (Ari Cunha)

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Quem esquenta a cabeça é fósforo, e assim mesmo morre queimado.”

Senador Vieira usando a sabedoria dos anos para explicar a sofreguidão política em torno do segundo turno

Mudanças

Encontra-se em caráter conclusivo o projeto do deputado Jaime Martins que muda regras no contrato de cessão de ponto de venda em centros de compras. Sem uma regulamentação própria, as normas dos shoppings são adaptadas prejudicando tanto o inquilino quanto o dono do imóvel.

Desdém

Expectativa voltada para o PIB do agronegócio. O senador Flexa Ribeiro teme a previsão da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. Uma redução de 1,91% neste ano corresponde a R\$ 10,25 bilhões a menos nos negócios agropecuários. Um descalço com o campo.

Tentativa

Quebra de sigilo bancário e telefônico de envolvidos além de convocação de algumas testemunhas estão dependendo agora de quórum para votação. Antonio Biscaia continua tentando reunir os líderes dos partidos para garantir a presença dos parlamentares e acelerar o processo da CPI das Ambulâncias.

Respostas

Se a Condoleezza Rice for atendida pela Justiça brasileira, Joe Lepore e Jan Paladino voltam para casa livres. Não faz sentido libe-

rar os pilotos antes de saber se eles têm credenciais para pilotar o Legacy, o que eles estavam fazendo numa altitude diferente da autorizada e por que estão com tanta pressa de voltar, se afirmam não ter culpa.

Leitor

Roldão Simas reforça a necessidade de cobrar da administração do Parque da Cidade a abertura de mais um portão de acesso. Seria atrás do Colégio Sigma, pela 912 Sul. Isso inibiria o crescimento da invasão da Vila do Cemitério, que cresce sem limites.

Visita

Rudolf Baerfuss, embaixador da Suíça, aguarda a chegada de 18 estudantes do curso de Engenharia da Escola Politécnica de Louzane. Uma equipe da Novacap está preparada para apresentar as obras arquitetônicas da capital do país. O encontro será na manhã de terça-feira.

Vitória

Num jogo de baralho, Beatriz Nascar resolveu pegar o lixo da mesa tentando fazer algumas canastras. O filho, Rodrigo, estudante de jornalismo, soltou esta. Disse que a mãe parecia candidata à Presidência. Pegava todo o lixo da mesa como apoio para fazer bons jogos. Avisou que ela ficaria no negativo porque ele acabava de vencer a partida.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Conversa entre dois deputados cearenses: Paulo Sarazate: “Aqui não dá nem minhoca”. Osiris Pontes: “Nós não legislamos para minhocas. Fazemos as leis aqui para as terras que têm minhocas”. (Publicado em 01/11/1960)